



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

A EROSÃO DO REAL: BAUDRILLARD E A HIPER-REALIDADE

Elaborado por:

LENON ANDRADE DOS SANTOS

Orientador:

EDUARDO GOMES DE SIQUEIRA

Seropédica-RJ / julho de 2025

LENON ANDRADE DOS SANTOS

A EROSÃO DO REAL: BAUDRILLARD E A HIPER-REALIDADE

Monografia apresentada ao Curso de
Filosofia, do Instituto de Ciências Sociais
e Humanas da Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, como requisito parcial
na obtenção do grau de Licenciado em
Filosofia.

Seropédica, 2025

A EROSÃO DO REAL: BAUDRILLARD E A HIPER-REALIDADE

LENON ANDRADE DOS SANTOS

MONOGRAFIA APROVADA EM: 10/07/2025

BANCA EXAMINADORA:

ORIENTADOR: _____

(Dr. Eduardo Gomes de Siqueira ICHS-UFRRJ)

MEMBRO TITULAR: _____

(Dr. Edson Peixoto de Resende Filho ICHS-UFRRJ)

MEMBRO TITULAR: _____

(Dr. Luiz Philipe de Caux ICHS-UFRRJ)

AGRADECIMENTOS

Reconheço que a construção de uma monografia, assim como a de qualquer pensamento ou ideia, é uma experiência fundamentalmente coletiva. Dedico este trabalho a todos aqueles que participaram dessa coletividade e que me apoiaram das mais diversas formas durante esses anos de graduação.

O meu agradecimento vai à família em que nasci e também à família que tive o prazer de poder escolher. Ao meu sangue e aos meus camaradas, meu eterno e verdadeiro obrigado. Cada um de vocês sabe o seu lugar em meu coração e em minha vida.

Com gratidão e respeito, agradeço ao meu orientador, pela paciência e por compreender que, dado tempo ao tempo, este trabalho seria possível.

Kairós, servindo como reflexão e para completar o acrônimo, provavelmente me trouxe até aqui. A todos que eu pude amar nas veredas desta vida, meu sincero obrigado.

RESUMO

A obra de Jean Baudrillard, apesar de com certa frequência ser encontrada dentro das referências bibliográficas de outros pensadores populares que dialogam sobre as transformações da sociedade contemporânea, permanece como um filósofo que tem seu corpo teórico consideravelmente pouco explorado. Este trabalho tem inicialmente como objetivo realizar uma leitura da progressão teórica da sua obra, através da concepção de que seu pensamento pode ser dividido e compreendido em três momentos distintos, mas que, ultimamente, encontram-se em sentido para culminar no que o filósofo francês produziu conceitualmente de mais provocante dentro de sua teoria: a hiper-realidade e a constatação de que a realidade desapareceu. A partir desse percurso, com um aprofundamento do que o diagnóstico de Baudrillard sobre a contemporaneidade (e seu futuro) nos leva a concluir, busca-se lançar uma breve luz sobre a atualidade de sua filosofia como ferramenta teórica que, precisamente ao se utilizar de sua irreverência a definições clássicas, mostra-se uma ferramenta estratégica e valiosa para pensar o hoje e o futuro.

Palavras-chave: Jean Baudrillard; Hiper-realidade; Simulacro.

ABSTRACT

Although Jean Baudrillard's work frequently appears in the bibliographies of prominent thinkers analyzing contemporary societal transformations, his theoretical contributions remain underexplored. This study aims to trace the progression of his thought, arguing that it can be divided into three distinct yet interconnected phases, ultimately converging on his most provocative conceptual contributions: hyperreality and the assertion that reality has disappeared. By examining Baudrillard's diagnosis of contemporaneity (and its future), this work highlights the enduring relevance of his philosophy as a theoretical tool. Precisely through its defiance of classical definitions, Baudrillard's irreverent approach proves strategically valuable for understanding both the present and the future.

Keywords: Jean Baudrillard; Hyperreality; Simulacra.

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo 1: Sua obra, investigações e problema central	9
1.1.1 Primeira fase [1968-1972].....	9
1.1.2 Segunda fase [1973-1976].....	11
1.1.3 Terceira fase [1981-2007].....	14
1.2 Os objetos e fenômenos analisados por Baudrillard	14
1.2.1 Algumas de suas análises	15
1.3 O problema central de sua obra	17
1.3.1 As quatro ordens do simulacro como estrutura do desaparecimento do real	17
1.3.2 A hiper-realidade como destino final do simulacro	18
1.3.3 Da crítica ao diagnóstico	19
Capítulo 2: A lógica da simulação: realidade, signos e hiper-realidade no pensamento de Baudrillard	20
2.1 Entre o real e o simulacro: introdução ao sistema conceitual de Baudrillard	20
2.1.1 Real, Simulação e Hiper-realidade.....	21
2.1.2 A composição do regime hiper-real	22
2.1.3 O estatuto do real no pensamento de Baudrillard	24
Capítulo 3: Horizontes do hiper-real	26
3.1 O legado conceitual e sua utilidade analítica	26
3.2 Impasses filosóficos: o desaparecimento do real e a questão da verdade	27
Conclusão	28
Referências bibliográficas:	29

Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar e discutir os principais aspectos da obra filosófica de Jean Baudrillard, com ênfase em sua teoria da simulação e na noção de hiper-realidade. A partir de uma leitura estruturada em três momentos distintos, conforme a interpretação proposta por Douglas Kellner (1989), busca-se compreender a evolução conceitual do autor e os deslocamentos teóricos que marcam sua produção. O foco encontra-se, sobretudo, na ideia de que o real, na contemporaneidade, foi progressivamente erodido por simulações, que dão origem a um regime simbólico no qual a experiência é organizada por modelos, signos e códigos autorreferentes.

O primeiro capítulo é dedicado à apresentação geral do percurso teórico de Baudrillard, dividido nas três fases interpretadas por Kellner. Ao longo deste, será destacado o problema central que atravessa sua obra: a transformação do regime de significação e a consequente perda de função do real enquanto referência estável. No segundo capítulo, os principais conceitos que estruturam essa problemática serão aprofundados e discutidos, articulando os termos real, simulação e hiper-realidade, com o intuito de esclarecer sua dinâmica interna e sua importância para a construção de um diagnóstico filosófico da contemporaneidade. Um dos pontos centrais desse capítulo é o tratamento da ambiguidade presente na tese do desaparecimento do real, examinando em quais termos essa afirmação deve e pode ser compreendida.

No terceiro e último capítulo, o trabalho se volta para as questões que permanecem em aberto. A partir das formulações anteriores, são consideradas algumas possibilidades de continuação da investigação teórica iniciada por Baudrillard. O capítulo propõe reflexões sobre temas que não foram esgotados pelo autor ou por este trabalho, como o estatuto da verdade, o lugar do sujeito e a possibilidade de elaborar uma crítica simbólica num regime onde a referência se tornou obsoleta. A intenção é indicar caminhos possíveis para aprofundamentos futuros, retomando os conceitos discutidos como guias.

Embora Baudrillard não adote um método sistemático nos moldes clássicos, seu pensamento se organiza a partir de operações próprias. Sua abordagem, ainda que ensaística e teórica, é guiada por diagnósticos provocantes que deslocam categorias como verdade, representação e realidade. Neste trabalho, essa postura é compreendida como uma orientação crítica e será considerada em cada etapa da análise, respeitando a própria lógica interna da obra e sem o objetivo de se aprofundar nas críticas existentes a sua obra.

CAPÍTULO 1: SUA OBRA, INVESTIGAÇÕES E PROBLEMA CENTRAL

1.1.1 Primeira fase [1968-1972]

A primeira fase da obra de Jean Baudrillard é marcada por uma crítica à sociedade de consumo, ainda bastante ancorada no vocabulário do marxismo. Suas três primeiras obras tratam de investigar como a lógica da mercadoria penetra e reconfigura a vida cotidiana nas sociedades capitalistas. No entanto, já nesse momento é possível notar um movimento de distanciamento em relação à tradição marxista, à medida que Baudrillard passa a enfatizar que os objetos são valorizados não tanto por sua utilidade (valor de uso), mas por aquilo que representam em termos simbólicos, o seu valor de signo.

O deslocamento da primazia do valor de uso para o valor de signo será uma das teses centrais desse momento, e prepara o terreno para uma virada semiótica que marcará suas fases posteriores (KELLNER, 1989). Ao compreender os objetos como elementos dentro de um **sistema de diferenciação simbólica**, Baudrillard propõe que o consumo opera como uma linguagem, tese que articula sua leitura da linguística estrutural de Ferdinand de Saussure com uma crítica cultural inspirada na semiologia de Roland Barthes (ibidem). A compreensão do consumo como linguagem e dos objetos como signos é um passo decisivo na direção da crítica da realidade simbólica que será desenvolvida ao longo de sua obra.

Em *O Sistema dos Objetos* (1968), tese de doutorado do autor, essa hipótese aparece ainda em germe. Ali, Baudrillard investiga os objetos do cotidiano como partes de um sistema de significação, embora ainda empregue categorias herdadas do marxismo. Ele argumenta que a materialidade dos objetos já não responde diretamente a necessidades materiais ou funcionais, mas opera segundo uma lógica simbólica. Em suas palavras:

A coerência do sistema funcional de objetos depende do fato de que esses objetos – juntamente com suas diversas propriedades, como cor, forma, etc. – já não possuem qualquer valor próprio, mas apenas valor universal como signos. A ordem da natureza (funções primárias, impulsos instintivos, relações simbólicas) está presente em todo o sistema, mas presente apenas como signos. A materialidade dos objetos já não confronta diretamente a materialidade das necessidades, sendo esses dois sistemas primários, inconsistentes e antagônicos, suprimidos pela inserção entre eles de um novo sistema abstrato de signos manipuláveis – pela inserção, em uma palavra, da funcionalidade. (BAUDRILLARD, 1996, p. 64, tradução nossa).

Aprofundando essa hipótese, Baudrillard rompe com a noção de que o consumo é uma atividade passiva orientada pela satisfação de necessidades. Para ele, o consumo é a participação de um sistema cultural baseado na lógica da diferenciação simbólica, assim sendo, o valor de uso cede espaço ao valor de signo e os objetos passam a funcionar como marcadores de identidade, status e pertencimento (BAUDRILLARD, 2017). O consumo deixa de ser um simples ato econômico e passa a funcionar como discurso: uma linguagem social de diferenciação. Como aponta Kellner:

Na sociedade de consumo, o consumo substitui, assim, a produção como modo central de comportamento social, a partir do qual a sociedade pode ser interpretada e analisada criticamente. Baudrillard concebe, portanto, o consumo como um modo de ser, uma forma de obter identidade, significado e prestígio na sociedade contemporânea. Em seus trabalhos posteriores, ele desenvolve ainda mais teorias neo-saussurianas dos signos e da significação, que utiliza para analisar e criticar a sociedade de consumo, acrescentando assim uma dimensão semiológica às críticas neo-marxistas anteriores da sociedade de consumo. Com base em seus trabalhos anteriores, ele elabora uma teoria muito mais sofisticada e complexa da vida dos signos na sociedade, que usa para criticar tanto a economia política tradicional quanto a marxista. (KELLNER, 1989, p. 19, tradução nossa).

Partindo da constatação de que a mercadoria nas sociedades contemporâneas já não adquire valor apenas com base em seu uso ou escassez, Baudrillard passa a analisá-la exclusivamente como signo circulante, inserido num sistema de codificação simbólica (BAUDRILLARD, 2017). Isso marca sua crescente insatisfação com a teoria marxista e inaugura uma abordagem que desloca o foco da crítica da produção para a circulação dos signos. Para compreendermos parte do contexto dessa separação, novamente recorro à introdução do livro de Kellner:

Baudrillard era muito mais simpático ao estruturalismo e à semiologia do que Lefebvre, cujo marxismo era mais ortodoxo e mais crítico em relação a sistemas teóricos concorrentes. Durante os anos 1960, outros radicais franceses estavam questionando — e, em muitos casos, ultrapassando — o marxismo que ainda permanecia como arcabouço teórico para Lefebvre e para os primeiros trabalhos de Baudrillard. O grupo de teóricos associado à revista *Arguments* estudava o impacto das novas tecnologias sobre o processo de trabalho, a estrutura de classes e o sistema político, e repensava o marxismo à luz dessas transformações. Novas teorias de classe e das ‘novas classes trabalhadoras’ surgiam, juntamente com novas teorias sobre tecnologia, mídia, linguagem e cultura. Essas teorias também consideravam novas estratégias de transformação social, variando desde teorias de classe que iam além do proletariado marxista tradicional — em direção à ‘nova classe trabalhadora’ — até os trabalhos de Guy Debord e dos situacionistas, que desenvolviam teorias da ‘sociedade do espetáculo’, centradas na produção de imagens, no espetáculo e nas novas formas de dominação e alienação na sociedade de consumo. Os situacionistas buscavam novas estratégias de revolta e revolução, ao mesmo tempo em que criticavam as teorias marxista-leninistas do partido, mantendo ainda o proletariado como sujeito revolucionário. (KELLNER, 1989, p. 4-5, tradução nossa).

Como podemos ver, a primeira fase da obra de Jean Baudrillard representa um momento de transição conceitual, no qual a crítica marxista do valor da mercadoria começa a ceder lugar a uma análise do consumo como sistema simbólico. Ainda operando vagamente com categorias da economia política (como o valor de uso e troca), Baudrillard já começa a deslocar o eixo da crítica para a lógica dos signos.

Este não é apenas um diagnóstico empírico, mas uma proposição estrutural: o consumo torna-se uma linguagem, e os objetos passam a funcionar como unidades de um código social, onde as regras deste código são formadas pela própria estrutura em que ele opera e, portanto, não obedecem a nenhum referencial externo. Segundo Kellner (1989, p. 1-6) tal reformulação só foi possível dentro de um ambiente intelectual onde o marxismo começava a ser criticado por suas limitações, e onde cresciam correntes estruturalistas e semióticas. O contato com autores como Barthes, Saussure e os situacionistas forneceu a Baudrillard um novo vocabulário, mas seu projeto teórico permanece centrado na descrição do funcionamento simbólico da realidade. Ao final dessa fase, o autor já não busca desvelar o real por trás das mercadorias, **mas compreender como a própria ideia de real começa a ser reconfigurada pela lógica do signo.**

1.1.2 Segunda fase [1973-1976]

No segundo momento de sua obra, Baudrillard constrói sua crítica mais contundente ao marxismo. Ele argumenta que o marxismo jamais escapa verdadeiramente da lógica da economia política, pois perpetua a centralidade da produção, do trabalho e do valor (de uso e troca) como categorias fundamentais e indispensáveis para compreender a sociedade humana:

A libertação das forças produtivas é confundida com a libertação do homem: essa é uma fórmula revolucionária ou é a própria fórmula da economia política? Quase ninguém jamais duvidou dessa evidência suprema, especialmente Marx, para quem os homens 'começam a se distinguir dos animais assim que começam a produzir seus meios de subsistência...' (Por que a vocação do homem deve ser sempre distinguir-se dos animais? O humanismo é uma *idée fixe* que também provém da economia política – mas deixemos isso de lado por ora.) Mas será que a existência do homem é um fim para o qual ele deve encontrar os meios? Essas inocentes pequenas frases já são conclusões teóricas: a separação entre fim e meio é o mais selvagem e ingênuo postulado sobre a raça humana. O homem tem necessidades. Mas ele realmente tem necessidades? Ele está condenado a satisfazê-las? Ele é força de trabalho (pela qual ele se separa de si mesmo como meio em relação a si mesmo como fim)? Essas metáforas prodigiosas do sistema que nos domina são fábulas da economia política, recontadas para gerações de revolucionários infectados, mesmo em seu radicalismo político, pelos vírus conceituais dessa mesma economia política. (BAUDRILLARD, 1975, p. 21-22, tradução nossa).

Partindo dessa interpretação onde o marxismo, ao tomar o trabalho como forma ontológica irreduzível da subjetividade humana, não rompe radicalmente com o sistema capitalista (mas apenas o reflete), o autor coloca em questão o núcleo da análise materialista: não é mais a exploração do trabalho o centro da alienação, mas a própria redução do ser humano à categoria de produtor (KELLNER, 1989, p. 40).

Em busca de uma forma mais radical de crítica à sociedade capitalista do que, para Baudrillard, o marxismo é capaz de fazer, ele se desvincula dessa sua influência anterior e adota uma orientação estruturalista-semiológica. Partindo dessa decisão, podemos observar alguns aspectos centrais da sua nova perspectiva de análise: **a sociedade não é mais organizada pelo trabalho, mas pelo funcionamento dos signos; as relações sociais são mediadas por códigos de comunicação, consumo, imagem e status; a produção de sentido se torna mais importante que a produção de objetos.**

Desta forma, essa crítica não apenas simboliza a ruptura definitiva do autor com o marxismo e a economia política, mas também prepara o terreno para a emergência de sua teoria da simulação. Com o diagnóstico de que a produção, o trabalho e as necessidades são fabricações simbólicas do modelo capitalista, o autor esboça a tese de que o real **já é** o efeito de um modelo operacional que começa a substituir o real por simulações.

Em *A Troca Simbólica e a Morte* (1976), percebendo que a crítica ao produtivismo é insuficiente, Baudrillard avança para pensar uma nova lógica social baseada no simbólico. Inspirado pelos escritos de Georges Bataille (KELLNER, 1989, p. 42), ele reconstrói o conceito de troca simbólica como um regime social anterior (e logicamente superior) à economia de mercado, pois baseia-se no dom e na reciprocidade, na dívida simbólica e no ciclo da devolução, assim, diferenciando-se da troca mercantil ao não visar a equivalência nem o lucro, mas manter os laços sociais e criar obrigações simbólicas.

Baudrillard argumenta que sob a égide da lógica produtivista cujas sociedades capitalistas modernas operam, a troca simbólica desaparece totalmente e, assim, também toda reciprocidade, ambivalência e risco real nas relações; um excesso de positividade, através da eliminação do risco, dívida, incerteza e morte. Nas palavras do autor:

Toda a nossa cultura é apenas um enorme esforço para dissociar vida e morte, para afastar ambivalência da morte em favor da vida como valor, e do tempo como equivalente geral. A eliminação da morte é nosso fantasma, e se ramifica em todas as direções: para a religião, o além e a imortalidade; para a ciência, a verdade; e para a economia, a produtividade e a acumulação. Nenhuma outra cultura teve essa oposição distintiva entre vida e morte em favor da vida como positividade: vida como acumulação, morte como pagamento devido. Nenhuma outra cultura enfrentou este impasse: assim que a ambivalência entre vida e morte e a reversibilidade simbólica

da morte chegam ao fim, entramos em um processo de acumulação da vida como valor; mas, ao mesmo tempo, também entramos no campo da produção equivalente da morte. (BAUDRILLARD, 2017, p. 168, tradução nossa).

Assim, com a dissolução da troca simbólica, a eliminação da negatividade e a saturação da vida enquanto valor absoluto, Baudrillard vê um cenário no qual a dominação total da simulação é uma condição inevitável. Sua crítica ao produtivismo, em sua primeira fase, abriu espaço para uma compreensão radical da sociedade contemporânea: não somente o trabalho e o consumo se organizam em códigos simbólicos, mas a própria realidade é substituída pela circulação incessante de signos. A ruptura com a economia política e a centralidade da troca simbólica como referência levaram Baudrillard a observar que, **no mundo contemporâneo, não se trata mais sobre ocultar o real, mas de operar a partir de sua ausência**, como afirma: Na simulação, a ilusão metalinguística reduplica e completa a ilusão referencial (a alucinação patética do signo e a alucinação patética do real) (BAUDRILLARD, 2017, p. 95, tradução nossa).

Nesta culminação da crítica ao método marxista de interpretar a realidade, Baudrillard, que até aqui ainda pensa em uma possibilidade de mudança radical do mundo (posição que eventualmente abandonaria), passa a dedicar-se totalmente à análise do funcionamento desses signos que regem a sociedade (KELLNER, 1989), acompanhado da conclusão agravante que estes mesmos signos não dizem respeito a nenhuma realidade concreta, mas desde seu surgimento já são autorreferentes. Portanto, sua tese de que a própria realidade em que vivemos não passou por uma deturpação gradual e tornou-se simulada, mas, desde sua concepção inicial já é um signo que opera, e encontra sentido, dentro de sua própria lógica (e não dialoga com nada anterior), nos leva até seu conceito de Simulacro. Que Baudrillard introduz suas ordens da seguinte forma:

As Três Ordens do Simulacro

Existem três ordens do simulacro, que correm paralelamente às sucessivas mutações da lei do valor desde o Renascimento:

-A *falsificação* é o esquema dominante no período “clássico”, do Renascimento à Revolução Industrial.

-A *produção* é o esquema dominante na era industrial.

-A *simulação* é o esquema dominante na fase atual regida pelo código.

O simulacro de primeira ordem opera sob a lei natural do valor, o simulacro de segunda ordem sob a lei mercantil do valor, e o simulacro de terceira ordem sob a lei estrutural do valor. (BAUDRILLARD, 2017, p. 71, tradução nossa).

As descrições das três ordens do simulacro não são apenas estágios históricos, mas uma metáfora da ascensão da sociedade de consumo e da hiper-realidade: da cópia à produção, até

a simulação total. Através deste diagnóstico Baudrillard nos alerta da condição da sociedade contemporânea.

1.1.3 Terceira fase [1981-2007]

A maturidade da obra de Baudrillard é marcada majoritariamente pela publicação de *Simulacros e Simulações* (1981) e é onde encontramos sua crítica mais radical à contemporaneidade. Segundo o autor, o simulacro e a hiper-realidade se tornam não somente centrais para entender a condição contemporânea, mas o fator determinante de sua realidade. Decidindo abandonar qualquer pretensão prévia de revelar **quais são** as estruturas que organizam a sociedade, Baudrillard direciona seus esforços para diagnosticar **como** elas funcionam, “não é mais uma questão de uma falsa representação da realidade (ideologia) mas de esconder o fato de que o real não é mais real” (BAUDRILLARD, 1994). Desta forma, autor afirma que “o hiper-real é a geração por modelos de um real sem origem ou realidade: um hiper-real” (ibidem).

A ideia de revelar quais são as estruturas, portanto, é deixada de lado tanto pelo fato do autor já as considerar “reveladas”, quanto por nem sequer considerar mais isso como um jogo onde algo se esconde e dissimula algo (como no caso da ideologia), mas sim uma condição onde, “o simulacro nunca é o que esconde a verdade – é a verdade que esconde o fato de que não há nenhuma. O simulacro é a verdade” (BAUDRILLARD, 1994, p. 1).

O diagnóstico da dissolução de qualquer signo com lastro na realidade, presente em diferentes formas ao longo de sua obra, é o fruto de um processo teórico que atravessa toda a trajetória de Baudrillard. Se trata de um deslocamento progressivo de foco: da crítica ao consumo e à produção (primeira fase), passando pela perda da troca simbólica e crítica ao excesso de positividade (segunda fase), chegando na constatação radical da substituição do real pelos simulacros (terceira fase). Baudrillard, portanto, reformula radicalmente o próprio escopo e objetivo da crítica social, movendo-a da **análise** das estruturas econômicas ou simbólicas para o **diagnóstico** das condições do desaparecimento da realidade (KELLNER, 1989). A seguir, veremos como o autor aplicou esses conceitos a objetos e fenômenos concretos de seu tempo para ilustrar o regime do hiper-real.

1.2 Os objetos e fenômenos analisados por Baudrillard

Como podemos observar na progressão de sua obra, que inicialmente se ocupava em analisar o funcionamento das estruturas internas da sociedade capitalista, Baudrillard chega em sua fase final com a compreensão de que esse esforço não faz mais sentido em uma sociedade que opera em uma lógica simbólica autorreferente (BAUDRILLARD, 1994). Através de uma leitura trágica e cínica da sociedade, ele abandona a perspectiva de qualquer ruptura revolucionária com a lógica produtivista e capitalista, propondo em seu lugar um diagnóstico da hiper-realidade: um regime de simulação autônoma que torna irrelevante a oposição entre real e irreal, verdadeiro e falso. Para Baudrillard, resta apenas **descrever os processos pelos quais a realidade desaparece sob o peso dos signos, dentro de um processo que escapa ao controle humano**. Sobre esse tema, em seu livro *A Ilusão Vital* (2001), ele diz:

O próprio processo parece ser irreversível, pois é o próprio processo da racionalização – o que chamamos orgulhosamente de progresso e modernidade e liberação – que está se tornando exponencial e caótico. Quanto a sabermos por que estamos indo irreversivelmente rumo a este limite final [a total virtualização da vida], tudo o que podemos fazer é nos agarrarmos a hipóteses fantásticas, como esta: a espécie humana poderia estar se empenhando numa espécie de escrita automática do mundo, dedicando-se a uma realidade virtual automatizada e operacionalizada [...]. (BAUDRILLARD, 2001, p. 70-71, tradução nossa).

A partir deste momento, Baudrillard passa a dedicar seus esforços teóricos na aplicação deste diagnóstico a diversos temas e, através destes, reforçar e ampliar suas conclusões sobre a sociedade contemporânea.

1.2.1 Algumas de suas análises

Na terceira fase de sua obra, Baudrillard passa a aplicar sua teoria da substituição da realidade pela simulação a fenômenos da contemporaneidade, como as guerras modernas, paisagens, a mídia e tecnologia, a fim de revelar como esses elementos são moldados pela lógica da hiper-realidade. Em *A Guerra do Golfo Não Aconteceu* (1991), ele argumenta que o conflito não pode ser considerado uma guerra real, no sentido clássico, pois foi inteira capturada, remodelada e transmitida *live* através da lógica da simulação midiática:

Como essa guerra foi vencida de antemão, nunca saberemos como ela teria sido se realmente tivesse existido. Nunca saberemos como teria sido para um iraquiano participar tendo a chance de lutar. Nunca saberemos como teria sido para um americano participar tendo a chance de ser derrotado. (BAUDRILLARD, 1995, p. 61, tradução nossa).

Assim, podemos observar que sua crítica a esta lógica da simulação midiática, diz respeito diretamente a como a guerra foi experienciada para o restante do mundo, que acompanhava “ao vivo” suas notícias, através majoritariamente das mídias hegemônicas. É extremamente importante apontar que Baudrillard não nega que a guerra realmente aconteceu. Sua provocação consiste em questionar e apontar como a própria noção de guerra foi assimilada pelo sistema hiper-real de signos que substitui qualquer referencial anterior de guerra, transformando-a em estatísticas, imagens computadorizadas e *headlines* de jornal. A diferença do que Baudrillard aponta aqui, para uma crítica do papel que a ideologia cumpre dentro dos meios de comunicação, é precisamente o fato de que para ele não existe um real verdadeiro que está sendo escondido. Para Baudrillard (1995, p. 10), “isso não é uma guerra, mas um simulacro de guerra, um evento virtual que é menos a representação de uma guerra que um espetáculo que serve a uma variedade de estratégias políticas em ambos os lados”.

Em *América* (1986), Baudrillard realiza uma travessia ao longo do território norte-americano que se configura tanto como um relato de viagem, quanto um diagnóstico geral da condição hiper-real que é aquele espaço. Segundo o autor, os Estados Unidos não apenas produzem imagens, mas vivem inteiramente dentro da lógica do simulacro, onde a realidade é constantemente encenada e reproduzida sem qualquer referência original. As rodovias, os desertos, os hotéis e os parques são, para ele, expressões de uma cultura que aboliu o tempo, memória e toda negatividade simbólica em troca de uma constante condição de infinita positividade, desempenho e consumo. Em suas palavras:

A cultura americana é herdeira dos desertos, mas os desertos aqui [nos EUA] não fazem parte de uma Natureza definida em contraste com a cidade. Em vez disso, eles denotam o vazio, a nudez radical que constitui o pano de fundo de toda instituição humana. Ao mesmo tempo, eles designam as instituições humanas como uma metáfora desse vazio e o trabalho do homem como a continuidade do deserto, a cultura como miragem e como perpetuação do simulacro. (BAUDRILLARD, 1986).

Os exemplos da guerra transformada em espetáculo e a paisagem norte-americana como realização do simulacro, não apenas ilustram a dominação do hiper-real, mas demonstram como Baudrillard opera uma virada radical na análise da realidade contemporânea. Ainda mais variados que os dois aqui mencionados, seus objetos de investigação compartilham uma característica fundamental: revelam o colapso do regime referencial clássico, moldado por uma lógica em que o signo já não representa a realidade, mas a substitui. Entre essas observações, Baudrillard continua a refletir sobre aquele que é o problema filosófico central de sua obra: o desaparecimento do real sob as camadas da simulação, e a consequente constituição da hiper-realidade. A seguir, abordaremos mais sobre isso.

1.3 O problema central de sua obra

A teoria da simulação formulada por Jean Baudrillard não é apenas uma ferramenta para a análise da cultura ou das mídias contemporâneas. Ela constitui, em seu núcleo, uma hipótese ontológica extrema: a de que o real, tal como concebido na tradição ocidental (como referente estável, verdade objetiva ou valor binário em contraposição ao falso) foi abolido pelo funcionamento autônomo dos signos. Este é o problema teórico central que sua obra formula nas últimas décadas, a substituição da realidade por modelos de simulação, os quais não apenas representam o mundo, mas produzem uma realidade própria, sem origem e sem exterior. Essa formulação não nasce como especulação abstrata, mas como resultado de um diagnóstico do mundo saturado de imagens, códigos e dispositivos midiáticos, no qual a diferença entre real e simulado se torna irrelevante para a construção da realidade. Baudrillard apresenta esse impasse nos seguintes termos:

A simulação já não é a do território, de um ser referencial ou de uma substância. É a geração, por modelos, de um real sem origem nem realidade: um hiper-real. O território já não precede o mapa, nem sobrevive a ele. No entanto, é o mapa que precede o território [...] que engendra o território, e, se for preciso retornar à fábula, hoje é o território cujos fragmentos apodrecem lentamente sobre toda a extensão do mapa. É o real – não o mapa – cujos vestígios persistem aqui e ali no deserto, que já não é mais do Império, mas o nosso. O deserto do próprio real. (BAUDRILLARD, 1994, p. 1, tradução nossa).

Remetendo ao conto de Jorge Luis Borges, *Sobre o Rigor na Ciência*, “onde os cartógrafos do Império desenham um mapa tão detalhado que acaba cobrindo toda extensão do território, o declínio desse Império causando o desgaste pouco a pouco do mapa, até que suas ruínas apenas possam ser vistas confundindo-se com o solo”, Baudrillard diz que essa representação do território, apesar de ser uma das mais belas alegorias para o simulacro, “completou um círculo, e possui nada além do charme discreto de um simulacro de segunda ordem” (BAUDRILLARD, 1994). A elaboração das quatro ordens do simulacro, apresentada de forma sistematizada em *Simulacros e Simulação*, é resultado de um percurso teórico iniciado em *A Troca Simbólica e a Morte* e é fundamental para compreender sua utilização desse conto e como ele se conecta com seu diagnóstico da hiper-realidade, portanto, será o próximo tópico a ser abordado.

1.3.1 As quatro ordens do simulacro como estrutura do desaparecimento do real

A consolidação do problema filosófico central da obra de Baudrillard não ocorre de forma abrupta ou meramente afirmativa. Em *Simulacros e Simulação*, o autor constrói uma arqueologia da representação, através da formulação das quatro ordens da imagem (BAUDRILLARD, 1994, p. 6). Assim descrevendo, em termos históricos e simbólicos, como a relação entre os signos e o real foi se transformando até o ponto em que os signos já não apenas ocultam ou distorcem o real, mas o substituem inteiramente. Nas palavras do autor:

Tais seriam as fases sucessivas da imagem:
 . ela é o reflexo da uma realidade profunda;
 . ela mascara e desnatura uma realidade profunda;
 . ela mascara a ausência de uma realidade profunda;
 . ela não tem mais relação com nenhuma realidade: é seu próprio simulacro puro
 (BAUDRILLARD, 1994, p. 6, tradução nossa).

A **primeira ordem** corresponde ao regime da representação fiel, da imagem como espelho de uma realidade objetiva e estável, é o mundo da arte clássica, onde o signo ainda remete a um referente. (ex: um retrato renascentista, que busca **refletir** as feições de uma pessoa).

Na **segunda ordem**, a imagem continua referencial, mas passa a dissimular o real, distorcendo a realidade, é a área da ideologia e da propaganda. O real ainda existe, mas está escondido por uma camada que deve ser revelada. É assim que a crítica tradicional opera, ao tentar revelar a verdade oculta de algo. (ex: a campanha publicitária do cigarro Marlboro remetendo a valores de liberdade, enquanto **oculta** o fato de ser um produto prejudicial).

A **terceira ordem** marca uma ruptura decisiva: a imagem deixa de ocultar algo real e passa a ocultar o fato de que não há mais real algum por trás dela, portanto, a simulação aqui já é compreendida como plena, ela simula um real ausente enquanto finge que ainda existe. É o campo da representação hiper-real, algo “mais que o real”. (ex: reality shows, que **simulam** uma “vida real”, enquanto os participantes obedecem a regras e agem sob influência de câmeras).

Na **quarta ordem**, o signo já não remete a nada, esse é o estado de total hiper-realidade: um mundo em que os signos não mascaram a verdade, mas substituem integralmente, produzindo uma realidade inteiramente operatória e estatística. (ex: modelos de inteligência artificial generativa, capazes de **criar** imagens “realistas” de eventos e pessoas que **nunca existiram**).

1.3.2 A hiper-realidade como destino final do simulacro

Exemplificado como as diferentes fases do simulacro se apresentam, ao retornarmos ao conto de Borges, é possível compreender o motivo de Baudrillard dizer que ele se encontra dentro da segunda ordem. O mapa **oculta** (literal e metaforicamente, pela sua escala e por seu objetivo de representação) a realidade do território, mas ele ainda existe. O conto ainda opera dentro da lógica de uma representação degradada, (característica da segunda ordem), e, ainda mais importante, dentro de sua própria narrativa cumpre o papel de demonstrar a “revelabilidade” do real. Conforme o Império chega a seu fim e, também, o mapa se torna apenas vestígios espalhados pelo seu duplo original.

O que Baudrillard propõe, ao dizer que essa fábula não serve mais para os dias atuais, é que já não existe mais império algum, nem território a ser mapeado. O mapa não encobre a realidade, ele a cria (BAUDRILLARD, 1994). Esse é o salto para a quarta ordem do simulacro. Se, em Borges, ainda havia um possível momento de decadência da representação perante o real, no mundo da hiper-realidade não há mais decadência, apenas substituição total.

Portanto, é importante compreender que a hiper-realidade não pode ser confundida com outros regimes simbólicos ou outras ordens da imagem. Ela não é uma falsificação do real, como nas formas clássicas de ilusão. Não é uma ideologia que oculta a verdade, como na tradição marxista, e, não é uma máscara sobre a ausência como nas estruturas de terceira ordem do simulacro. Todos esses três modelos anteriores ainda pressupõe a existência de um real original, mesmo que perdido ou ocultado. Para Baudrillard, no regime do hiper-real essa suposição desaparece, não há mais real a ser ocultado ou recuperado. A hiper-realidade não é uma deformação do mundo, mas o próprio mundo se tornando imagem de si mesmo, segundo os modelos que o precedem.

1.3.3 Da crítica ao diagnóstico

Como demonstrado, a análise do percurso teórico de Jean Baudrillard nos permite compreender que sua obra não se limita a uma crítica cultural ou sociológica aos moldes tradicionais. O que está em jogo, aqui, é um deslocamento radical do pensamento: de uma denúncia da ideologia à constatação da substituição total do real pelos signos. Percorrendo suas três fases, observamos o movimento de abandono da crítica marxista da produção e do consumo, passando pela crítica à dissolução da troca simbólica e chegando em uma teoria do simulacro e da hiper-realidade, que recusa a própria possibilidade de um referente exterior. Sua

filosofia não pretende mais revelar uma verdade ou estrutura escondida sob as aparências, mas se dá apenas o trabalho de diagnosticar **como** os signos operam dentro da hiperrealidade.

Ao fim deste primeiro capítulo, espero ser possível compreender como o pensamento de Baudrillard propõe uma mudança profunda no modo de se interpretar a realidade: não mais como um fundamento existente anterior, mas como um efeito da operação simbólica que inevitavelmente entra em colapso com a intensificação do tráfego de informações da era moderna. Esse diagnóstico não apenas desafia interpretações clássicas, como também exige novas ferramentas teóricas para pensar o presente. No capítulo seguinte, abordaremos como seus conceitos de Real, Simulação e Hiper-realidade se articulam e contrastam dentro de seu pensamento.

CAPÍTULO 2: A LÓGICA DA SIMULAÇÃO: REALIDADE, SIGNOS E HIPER-REALIDADE NO PENSAMENTO DE BAUDRILLARD

2.1 Entre o real e o simulacro: introdução ao sistema conceitual de Baudrillard

Baudrillard, ao pensar os conceitos de simulação e hiper-realidade, não mantém a distinção tradicional entre realidade e aparência. Em vez de desmascarar o falso para revelar uma verdade subjacente (como faz a crítica ideológica clássica), a simulação opera **na ausência do real**, instaurando um regime simbólico em que os signos não mais representam, mas **produzem** o mundo. De acordo com o autor:

Ele [o real] já não precisa mais ser racional, porque já não se mede nem por uma instância ideal nem negativa. Ele já não é nada além de operacional. Na verdade, ele já não é propriamente o real, porque nenhum imaginário mais o envolve. Trata-se de um hiper-real, produzido a partir de uma síntese radiante de modelos combinatórios em um hiperespaço sem atmosfera. (BAUDRILLARD, 1994, p. 2, tradução nossa).

Como podemos observar, para Baudrillard o real na sociedade contemporânea não é uma substância pura ou imediatamente acessível (em contraste com suas fases anteriores, onde ainda era entendido como aquilo que fornecia **referência** e **sentido** à experiência e aos signos). Com o avanço da lógica produtivista, porém, esse referente desaparece: o real, tal como concebido na tradição ocidental, é dissolvido. A simulação não encobre o real: ela **o substitui**, instaurando uma realidade autogerada e autossuficiente. Para o autor, existe uma diferença em simular e dissimular, que ele descreve da seguinte forma:

Dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem. Um implica uma presença, o outro uma ausência. Mas é mais complicado do que isso, porque simular não é o mesmo que fingir: ‘Quem finge estar doente pode simplesmente ficar de cama e fazer todos acreditarem que está doente. Quem simula uma doença produz em si mesmo alguns dos sintomas’ (*Litttré*). Portanto, fingir, ou dissimular, mantém intacto o princípio da realidade: a diferença é sempre clara, está apenas mascarada, ao passo que a simulação ameaça a diferença entre o ‘verdadeiro’ e o ‘falso’, entre o ‘real’ e o ‘imaginário’. (BAUDRILLARD, 1994, p. 3, tradução nossa).

Essa distinção é mais do que terminológica, ela parece indicar uma mudança no paradigma ontológico. A dissimulação se ancora em um real que ainda existe, mesmo que ocultado. A simulação, por sua vez, já não depende de qualquer referente exterior: **ela opera como se fosse real, sem sê-lo** (e sem precisar sê-lo). De forma prática, isso significa que os signos, imagens, discursos e tecnologias não mais representam o mundo, mas passam a substituí-lo funcionalmente (BAUDRILLARD, 1994).

A partir dessas formulações, este capítulo terá por objetivo abordar os três conceitos fundamentais para compreender a maturidade do pensamento de Baudrillard e, em seguida, abordar diretamente a questão do “desaparecimento do real”.

2.1.1 Real, Simulação e Hiper-realidade

Para Baudrillard, o “real” não é uma substância que precede o signo, mas sim um efeito produzido por regimes simbólicos. Ele diz: “A própria definição do real é aquela daquilo que pode ser fornecido por meio de uma reprodução equivalente” (Baudrillard, 2017, p. 94). Portanto o real, em sua configuração moderna, encontra-se submetido a operações de codificação e repetição, de modo que a referência à essência desaparece em favor de uma lógica de reprodução. O que ele denuncia, ao constatar isso, é como na sociedade moderna o real deixou de ser algo substancial, singular ou ontológico e passou a ser definido por sua capacidade de reprodução, replicação e simulação. Ou seja, com a intensificação das lógicas produtivistas, comunicacionais e tecnológicas, a própria ideia de realidade como algo objetivo e exterior torna-se obsoleta.

É nesse contexto que Baudrillard introduz a ideia de simulação, que, seguindo a distinção feita pelo mesmo entre simular e dissimular, encontramos uma implicação profunda: quando já não é possível distinguir entre real e simulado, pois os próprios critérios para isso foram corroídos, entramos em uma nova ordem simbólica. Não se trata mais de representação, mas de substituição. Ele exemplifica:

O simulador está doente ou não, dado que ele produz sintomas 'verdadeiros'? Objetivamente, não se pode tratá-lo como doente ou não doente. A psicologia e a medicina param nesse ponto, barradas pela verdade doravante indescoberta da doença. Pois, se qualquer sintoma pode ser 'produzido' e não pode mais ser tomado como um fato da natureza, então toda doença pode ser considerada como simulável e simulada, e a medicina perde seu sentido, já que ela só sabe tratar doenças 'reais' de acordo com sua causa objetiva. (Baudrillard, 1994, p. 3, tradução nossa).

A simulação, nesse sentido, não apenas opera dentro da realidade, mas substitui sua função. O real, enquanto referência, é desativado: a simulação se instala como sistema total de produção de realidade. A consequência dessa lógica é o que Baudrillard chama de hiper-realidade. Essa não é apenas o resultado da simulação, mas seu próprio ambiente que é naturalizado, no qual os signos não apenas substituem o real, mas tornam-se a própria realidade funcional, estatística e operatória. Em suas palavras:

Ao atravessar para um espaço cuja curvatura já não é a do real, nem a da verdade, inaugura-se a era da simulação por meio da liquidação de todos os referenciais – pior: com sua ressurreição artificial nos sistemas de signos, um material mais maleável que o sentido, pois se presta a todos os sistemas de equivalência [...] Trata-se de substituir os signos do real pelo real, ou seja, de uma operação de desvio de todo processo real por meio de seu duplo operacional: uma máquina programática, metastável, perfeitamente descritiva, que oferece todos os signos do real e anula todos os seus percalços. Nunca mais o real terá a chance de se produzir – tal é a função vital do modelo em um sistema de morte [...] uma hiperrealidade doravante protegida do imaginário, e de qualquer distinção entre o real e o imaginário, deixando espaço apenas para a recorrência orbital dos modelos e para a geração simulada de diferenças (Baudrillard, 1994, p. 2-3, tradução nossa).

A hiper-realidade, portanto, configura-se como um regime simbólico absoluto, no qual não há mais retorno possível à experiência como fundamento. Toda experiência se dá, agora, dentro de modelos operatórios autogeridos que produzem efeitos reais sem qualquer vínculo com um mundo exterior.

Desta forma, o real, a simulação e o hiper-real não podem mais ser compreendidos como momentos sucessivos ou níveis sobrepostos, mas como mutações na relação entre os signos e o mundo. Em *A Transparência do Mal* (2006), Baudrillard diz que “Quando as coisas, os signos, as ações são libertadas de sua ideia, de seu conceito, de sua essência, de seu valor, de sua referência, de sua origem e de sua finalidade, entram então numa autorreprodução ao infinito. As coisas continuam a funcionar ao passo que a ideia delas já desapareceu há muito. Continuam a funcionar numa indiferença total a seu próprio conteúdo. E o paradoxo é que elas funcionam melhor ainda” (p. 12).

2.1.2 A composição do regime hiper-real

O pensamento de Baudrillard se estrutura por meio de um conjunto conceitual integrado, no qual os termos real, simulação e hiper-realidade não são categorias isoladas nem momentos cronológicos rígidos de sua obra. Esses conceitos operam em articulação mútua, compondo um sistema voltado à compreensão de uma mutação estrutural nas formas pelas quais a realidade é simbolicamente construída e percebida. Tal mutação não se refere apenas ao surgimento de novas tecnologias ou meios de comunicação, mas a uma transformação mais profunda na estrutura do sentido, na qual a lógica da representação é progressivamente substituída por uma lógica de operação. Nessa nova configuração, os signos não mais remetem a um mundo exterior, mas passam a produzir por conta própria os efeitos de realidade. O desaparecimento do real, dentro dessa proposta, não é um colapso repentino nem uma perda metafísica do mundo, mas o resultado cumulativo de uma reorganização funcional dos sistemas de significação.

Para o filósofo, o real não é uma substância autônoma nem uma instância empírica autoevidente. O real, tal como concebido em seu pensamento, é uma categoria relacional e simbólica, cuja existência depende da possibilidade de se diferenciar de outras categorias. Essa diferença, no entanto, não é dada por natureza, mas construída dentro de um sistema simbólico. O real só se afirma enquanto tal quando há um regime de signos que o sustenta como referência. Quando esse regime é sobrecarregado por uma proliferação de signos, a própria função do real entra em colapso. Ele não desaparece como materialidade, mas como critério simbólico. Nesse ponto, a crise não é da realidade em si, mas da estrutura que a fazia operar como tal. É essa perda de eficácia da função de referente que abre caminho para o domínio da simulação.

A simulação, nesse contexto, não deve ser entendida como uma falsificação ou uma mentira que esconde uma verdade. Ela representa uma mudança na própria lógica simbólica. Enquanto a representação parte da existência de um real exterior que deve ser refletido ou traduzido, a simulação não necessita desse referente. Os signos deixam de representar algo e passam a produzir diretamente os efeitos que anteriormente dependiam de uma ancoragem no mundo. A simulação é o processo pelo qual os modelos e os códigos passam a ocupar o lugar do real, não como uma cópia imperfeita, mas como uma versão funcionalmente superior. O simulacro, nessa perspectiva, não é uma aparência enganosa, mas um signo sem origem, sem referente, que opera com total autonomia. A realidade que ele institui não depende de algo fora dele, mas de sua própria eficácia simbólica. O mundo deixa de ser aquilo que está por trás da representação e passa a ser aquilo que se manifesta na circulação dos signos.

Esse processo culmina na condição da hiper-realidade. A hiperrealidade não é uma ficção ou uma ilusão adicional sobre a realidade, mas o estado em que os próprios signos se tornam indistinguíveis daquilo que supostamente representavam. Ela é o estado simbólico no

qual a distinção entre o real e o simulado deixa de fazer sentido, não porque tudo se tornou falso, mas porque essa distinção já não é mais operativa.

Essa articulação entre real, simulação e hiper-realidade compõe a espinha dorsal do sistema filosófico proposto por Baudrillard. O real, enquanto função diferenciadora, perde sua centralidade. A simulação se instala como a operação dominante de geração de sentido. E a hiper-realidade surge como o espaço resultante, onde a lógica da simulação se estabiliza como modo natural de organização simbólica. A relação entre esses conceitos não é sucessiva, mas estrutural. Cada um deles depende do outro para compor o diagnóstico da transformação simbólica contemporânea. Não se trata de uma teoria da ilusão, mas de uma crítica à forma como os signos passaram a organizar o mundo com mais eficácia do que a própria realidade sensível. Em lugar de buscar a recuperação de um real perdido, Baudrillard propõe o reconhecimento de que esse real foi funcionalmente desativado e substituído por sistemas simbólicos que já não precisam dele para operar.

2.1.3 O estatuto do real no pensamento de Baudrillard

A provocativa afirmação de Jean Baudrillard de que “o real desapareceu” deve ser compreendida dentro do contexto específico de sua crítica ao regime simbólico das sociedades contemporâneas. Essa formulação, longe de ser transparente, carrega uma ambiguidade fundamental que percorre sua obra, especialmente em sua fase madura. A indeterminação que envolve tal diagnóstico abre espaço para diferentes leituras, frequentemente tensionadas entre uma hipótese de natureza ontológica (segundo a qual o real, enquanto referente objetivo do mundo, teria efetivamente deixado de existir) e uma hipótese de caráter fenomenológico ou estrutural (na qual a realidade permanece, mas deixou de operar como referência inteligível ou reconhecível para os sujeitos). Em outras palavras, a obra de Baudrillard não oferece uma resposta inequívoca à pergunta: **o real desapareceu como coisa, ou como função simbólica?** Essa incerteza não decorre de imprecisão argumentativa, mas da própria estratégia teórica do autor, que prefere trabalhar nas zonas cinzas entre categorias clássicas como real e irreal, representação e coisa representada, imagem e mundo.

Essa ambiguidade estrutural, entre o real como instância perdida da experiência e o real como categoria ontológica efetivamente anulada, foi objeto de análise em algumas leituras brasileiras da obra de Baudrillard. Para Anna Karolina Santa Helena (2015), a hiper-realidade descrita por Baudrillard não representa a extinção física do mundo, mas sim uma mutação simbólica na qual “a divisão entre o mundo real e o mundo virtual perde o sentido”, pois os

signos passam a operar sem qualquer exterioridade, recobrando a realidade até o ponto em que essa se torna indiscernível de sua simulação. A autora observa que, no regime hiper-real, o real desaparece como critério, como instância diferencial, e não como substância: trata-se de uma inversão da lógica de representação, e não de uma destruição do mundo empírico.

Essa leitura encontra ressonância no trabalho de Paulo Barroso (2022), que propõe que o real é “absorvido pela hiper-realidade da simulação”, de tal modo que a percepção da realidade passa a ser inteiramente modelada pelos signos e não por qualquer contato direto com um referente. Assim, o desaparecimento do real não corresponde a um colapso ontológico, mas a uma reorganização da experiência mediada por códigos operatórios que anulam a diferença entre realidade e aparência.

Por outro lado, algumas leituras sugerem que há, na radicalização da tese baudrillardiana, elementos que beiram uma posição ontológica, mesmo que implicitamente. Paulo Victor Rodrigues da Costa (2021), ao analisar o contexto da pandemia, interpreta o coronavírus como um simulacro global que consoma “o abandono radical de qualquer relação possível com o real”. Para o autor, trata-se de um esvaziamento simbólico tão extremo que qualquer tentativa de retomar o real como exterioridade significativa torna-se obsoleta, o que reforça uma leitura segundo a qual o desaparecimento do real deixa de ser apenas uma experiência distorcida da realidade e se configura como uma nova condição de mundo.

Essa leitura encontra ecos também em Luiza da Silva Souza e Claudia Lorena Fonseca (2021), que, ao analisarem a intermedialidade entre a obra de Baudrillard e o filme *Matrix*, argumentam que os sujeitos vivem aprisionados em um sistema simbólico que simula o real com tal perfeição que a distinção entre simulação e mundo torna-se impossível, e, portanto, irrelevante. A hiper-realidade se afirma não como máscara, mas como substituto.

Esses autores, assim, demonstram que a própria formulação baudrillardiana não se fixa em um regime interpretativo estável. Sua força está justamente na manutenção dessa ambiguidade: o real desaparece enquanto critério funcional e diferencial (como propõem Santa Helena e Barroso), mas também parece perder sua existência simbólica como referente possível, sugerindo uma obsolescência do próprio conceito de realidade (como sugerem Rodrigues da Costa e Souza & Fonseca).

Essa tensão é constitutiva do pensamento de Baudrillard. Sua tese do desaparecimento do real, portanto, não deve ser estabilizada em um polo ou outro (ontológico ou fenomenológico), mas compreendida como o enunciado de um impasse filosófico radical: o real, em sua forma clássica, tornou-se impossível de recuperar e talvez também impossível de sustentar.

Diante do que foi discutido, é possível afirmar que a tese do “desaparecimento do real” em Baudrillard não deve ser entendida de forma unívoca. Trata-se menos de uma negação da existência do mundo empírico e mais de um diagnóstico de que o real perdeu sua função como referência dentro do regime simbólico da simulação. O real continua a existir, mas já não organiza o sentido das coisas. Ainda assim, a força e radicalidade de seu pensamento permite uma leitura mais extrema, segundo a qual o real teria não apenas perdido seu papel, mas se tornado desnecessário, abrindo margem para uma possível interpretação ontológica. Essa ambiguidade não é um defeito, mas parte da estratégia do autor, que ao dissolver os binarismos clássicos entre real e aparência, propõe um novo modo de pensar a realidade, um em que os signos não representam, mas substituem.

CAPÍTULO 3: HORIZONTES DO HIPER-REAL

A obra de Baudrillard mostra-se não apenas um diagnóstico filosófico radical das transformações culturais do final do século, mas uma hipótese de leitura quase profética para compreender os modos de existência atuais. Em um mundo de imagens, discursos e informações circulando em velocidade e escala cada vez maiores, a distinção entre representação e realidade torna-se não apenas turva, mas talvez irrelevante para as sociedades capitalistas contemporâneas. As redes sociais, a cultura do espetáculo, os algoritmos de personalização e os dispositivos de autovigilância em massa operam como vetores de simulação, fomentando precisamente o regime da hiper-realidade descrito por Baudrillard.

Assim, talvez seja possível dizer que o hiper-real não é apenas uma categoria teórica de sua obra, mas agora mais que nunca um ambiente efetivo: o meio simbólico no qual se dão os afetos, os conflitos políticos, as disputas identitárias e a própria subjetivação. Essa pertinência se expressa em fenômenos variados, como no colapso da confiança pública na distinção entre fato e opinião, a substituição de interações presenciais por performances digitais e a transformação de quase todo espaço urbano (e não urbano) em ambientes integrados ao digital. Este capítulo, portanto, propõe-se a refletir brevemente sobre a atualidade de sua obra.

3.1 O legado conceitual e sua utilidade analítica

O diagnóstico da hiper-realidade, como formulado por Baudrillard, permanece relevante como instrumento de leitura crítica da contemporaneidade. Embora não ofereça um modelo

normativo ou prescritivo de análise social, ele fornece uma grade de inteligibilidade simbólica particularmente útil para compreender fenômenos que desafiam os quadros interpretativos tradicionais. O modo como as tecnologias digitais reorganizam as formas de visibilidade, a maneira como a cultura do consumo se estende ao campo das subjetividades e a lógica de performance que rege os comportamentos sociais são alguns dos campos onde sua obra pode se mostrar especialmente pertinente.

Uma análise através da noção de hiper-realidade, por exemplo, pode nos permitir analisar fenômenos como influenciadores digitais, realidades virtuais, deepfakes, publicidade emocional e outras narrativas automatizadas que se impõem como realidade mesmo quando prescindem de qualquer fundamento empírico. Nesses casos, a simulação não apenas substitui o real, mas torna-se a própria condição de possibilidade da experiência. O que importa não é mais a veracidade de um acontecimento, mas sua capacidade de circular como efeito de realidade. Assim, Baudrillard oferece ferramentas conceituais que, mesmo exigindo algumas reinterpretações, continuam eficazes para compreendermos uma sociedade na qual os signos se tornaram mais determinantes que a realidade.

3.2 Impasses filosóficos: o desaparecimento do real e a questão da verdade

Entre os elementos que permaneceram ao longo do trabalho, destaca-se a certa ambiguidade em torno do que Baudrillard chama de “desaparecimento do real”. Como discutido no Capítulo 2, essa expressão pode ser interpretada tanto de maneira fenomenológica, quanto ontológica. Essa indefinição, se não interpretada como uma fragilidade teórica, parece ser um dos motores do pensamento baudrillardiano, que aposta na força da indeterminação como estratégia de diagnóstico.

No entanto, essa mesma ambiguidade abre espaço para questionamentos sobre os limites da teoria. Em que medida a hipótese do desaparecimento do real permite ou dificulta a formulação de uma crítica social? É possível falar em verdade, justiça ou subjetividade quando se parte da ideia de que tudo opera por simulação? Tais questões não encontram respostas definitivas em Baudrillard, mas fazem parte do que sua filosofia deixa em aberto: uma zona de tensão em que a crítica precisa reinventar seus próprios fundamentos.

Esses impasses, ao invés de anular a teoria, apontam para sua vitalidade. Eles mostram que o pensamento de Baudrillard não deve ser tomado como um sistema fechado, mas como uma provocação permanente, um convite ao pensamento filosófico a partir do colapso das categorias clássicas. Ao diagnosticar que o mundo já não opera mais com base na oposição

entre verdadeiro e falso, real e ilusório, o autor não elimina o problema da verdade ou referente, mas o desloca para um novo terreno, ainda em aberto.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo apresentar, discutir e problematizar aspectos centrais do pensamento de Jean Baudrillard, com foco em sua teoria da simulação e na tese do desaparecimento do real. A partir da divisão em três fases proposta por Douglas Kellner, foi possível traçar um percurso interpretativo que evidenciou os deslocamentos conceituais promovidos pelo autor ao longo de sua obra, passando da crítica da economia política à formulação da noção de hiper-realidade. Essa trajetória permitiu identificar, de forma progressiva, o modo como Baudrillard constrói sua crítica à lógica da representação e propõe, em seu lugar, uma teoria do funcionamento simbólico contemporâneo.

O Capítulo 2 aprofundou os principais conceitos que sustentam essa crítica, explorando especialmente a articulação entre real, simulação e hiper-realidade. Buscou-se esclarecer como esses termos não operam isoladamente, mas compõem um sistema conceitual integrado, voltado a descrever a mutação estrutural da experiência contemporânea. O tratamento dado à tese do desaparecimento do real, em especial, revelou a ambiguidade fundamental do pensamento de Baudrillard: seu diagnóstico não afirma a inexistência do mundo, mas sim o esvaziamento de sua função simbólica, dentro de uma ordem regida por signos autorreferentes.

No Capítulo 3, procurou-se colocar essa teoria em diálogo com o presente. Ao invés de encerrar o percurso teórico, o capítulo buscou indicar a atualidade e a potência crítica da filosofia baudrillardiana, apontando tanto sua capacidade de análise quanto os impasses que ela ainda nos obriga a enfrentar. Foram destacados alguns fenômenos sociais e tecnológicos que parecem confirmar o diagnóstico da hiper-realidade, assim como questões filosóficas que permanecem em aberto, especialmente no que diz respeito ao estatuto da realidade, à subjetividade e à possibilidade de crítica num mundo dominado pela simulação.

A partir disso, este trabalho propõe que a obra de Baudrillard não deve ser compreendida como um sistema fechado ou como uma teoria conclusiva, mas como um ponto de inflexão. Ao anunciar o desaparecimento do real, Baudrillard não anuncia um fim, mas inaugura um novo conjunto de problemas que exigem um pensamento atento às transformações do simbólico. Assim, longe de se esgotar em si, o pensamento de Baudrillard permanece como provocação filosófica a ser retomada e reinventada.

O que este trabalho buscou oferecer foi uma leitura introdutória e expositiva de sua teoria, destacando suas implicações, tensões e relevância. Compreendendo que a continuidade dessas investigações, em contextos ainda mais marcados pela virtualização da vida e pela autonomização dos sistemas simbólicos, se apresenta não apenas como possibilidade, mas como exigência do próprio tempo em que vivemos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARROSO, Paulo. **Da realidade à hiper-realidade da simulação**. *Texto Livre*, Belo Horizonte, v. 15, p. e37426, 2022. DOI: 10.35699/1983-3652.2022.37426. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/37426>. Acesso em: 30 jun. 2025.

BAUDRILLARD, Jean. **América**. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do Mal**: ensaios sobre fenômenos extremos. Tradução: Estela dos Santos Abreu. 9ª ed. Campinas: Papirus Editora. 2006.

BAUDRILLARD, Jean. **A Ilusão Vital**. Tradução: Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BAUDRILLARD, Jean. **For a Critique of the Political Economy of the Sign**. Tradução: Charles Levin. St. Louis: Telos Press, 1981.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacra and Simulation**. Tradução: Sheila Faria Glaser. Michigan: The University of Michigan Press. 1994.

BAUDRILLARD, Jean. **Symbolic Exchange and Death**. Tradução: Iain Hamilton Grant. Londres: Sage, 2017.

BAUDRILLARD, Jean. **The Gulf War Did Not Take Place**. Tradução: Paul Patton. Bloomington: Indiana University Press, 1995.

BAUDRILLARD, Jean. **The Mirror of Production**. Tradução: Mark Poster. St. Louis: Telos Press, 1975.

BAUDRILLARD, Jean. **The System of Objects**. Tradução: James Benedict. Nova York: Verso, 1996.

KELLNER, Douglas. **Jean Baudrillard: From Marxism to Postmodernism and Beyond**. California: Stanford University Press, 1989.

RODRIGUES DA COSTA, Paulo Victor. **Pandemia e hiper-realidade**: o fim sem fim do Ocidente em um confronto a partir de Heidegger e Baudrillard. *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 219–247, 2021. DOI:

10.12957/ek.2021.56972. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/Ekstasis/article/view/56972>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SANTA HELENA, Anna Karolina Veiga. **Os mundos real, virtual e hiper-real de Jean Baudrillard**. *Temática*, João Pessoa, v. 11, n. 4, p. 15–23, abr. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/23900>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SOUZA, Luiza da Silva; FONSECA, Claudia Lorena. **Materialização do hiper-real na matriz**: intermedialidade entre Baudrillard e *Matrix*. *Travessias*, Cascavel, v. 15, n. 2, p. 270–284, 2021. DOI: 10.48075/rt.v15i2.27776. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/27776>. Acesso em: 30 jun. 2025.